



INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

DIÊGO MACIEL DE SOUSA

**O QUE OS FORMATIVOS VAN- E -VAN INFORMAM ACERCA DA
INOVAÇÃO ANTROPONÍMICA NO BRASIL?**

BRASÍLIA-DF

2021

DIÊGO MACIEL DE SOUSA

**O QUE OS FORMATIVOS VAN- E -VAN INFORMAM ACERCA
DA INOVAÇÃO ANTROPONÍMICA NO BRASIL?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília - UnB como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Dr^a. Juliana Soledade Barbosa Coelho.

BRASÍLIA – DF

2021

AGRADECIMENTOS

Sentei-me para escrever estes agradecimentos com os olhos marejados. Parei por um instante e era como se estivesse revivendo aquele primeiro dia ao adentrar o Instituto Central de Ciências – ICC (mais conhecido como minhocão). Parece que passou tão rápido e, neste momento, meu coração se enche de saudades de tudo e de todos. Os anos da graduação foram intensos, carregados de coisas boas e de um grande aprendizado sobre tudo. A vida é assim, um constante aprendizado e a gente vai, aos poucos, “vivendo e aprendendo a jogar”, como diz a letra da canção.

Bem, nesse propósito que fiz ao sentar-me para escrever, devo, em primeiro lugar, agradecer ao Deus Altíssimo. A razão maior de minha existência, aquele que merece toda honra, glória e louvor. Sei que sem Ele não estaríamos aqui.

Depois, devo também agradecer à Maria do Carmo de Sousa, minha mãe e também a minha inspiração de persistência, coragem e cuidado. Mamãe foi a melhor companhia em todos os anos de graduação. Muitas vezes, silenciosa, mas, sempre atenta, jamais deixou de me apoiar em todos os momentos. Sempre vibrou com todas as minhas conquistas e faz parte de todas elas. “Te amo, mamãe”.

Aos meus familiares, nas pessoas de Luciana, minha irmã e Rafael, meu primo, pelo carinho, aconchego e inúmeros auxílios. Aos amigos de antes e depois, pelos conselhos, incontáveis ajudas, abraços, sorrisos e boas conversas. Vocês fizeram os meus dias na graduação mais felizes e especiais. Marcos Roberto, Edna Ferreira, Maria Miste, Socorro Gomes, Elias Mateus, Amanda Dalila, Jennyffer Kathleen, Mateus Santos, Márcia Moreira, Caio Lívio, Henrique Viana, Lucas Furtado, Ana Paula e Emanuelle Freitas, sem o afeto de vocês essa caminhada, com certeza, teria se tornado mais difícil. Quem tem um amigo, tem um tesouro.

À professora Juliana Soledade Barbosa Coelho, a quem tenho profunda admiração e estima pelo ser humano, pela professora, pela mulher e pela mãe que é e que nos acompanha desde o primeiro semestre, quando nos “abriu a cabeça” na disciplina de Introdução à Linguística. Seu jeito de ensinar é uma inspiração para mim. Aos demais professores que foram imprimindo em mim o conhecimento, em especial aos professores: Rodrigo Albuquerque, Jane Adriana, Sylvia Helena, Gilson Charles, Deane Costa, Fabrícia Wallace e Danglei de Castro, que nos mostraram que o conhecimento sempre está à disposição de quem pode aprender.

Gratidão a todos vocês!

John Stuart Mill

“Um nome próprio não é mais do que uma marca sem significação que juntamos em nossas mentes à ideia do objeto, a fim de que sempre que a marca encontrar nossos olhos ou ocorra aos nossos pensamentos, possamos pensar naquele objeto individual (AMARAL e SEIDE, 2020)”.

Otávio Paz

“Perder nosso nome é como perder nossa sombra; ser somente o nosso nome é reduzirmo-nos a ser uma sombra. A ausência da relação entre as coisas e os seus nomes é duplamente insuportável: ou o sentido se evapora ou as coisas se desvanecem (AMARAL e SEIDE, 2020)”.

RESUMO

No Brasil, muitos prenomes são criados a partir de um modelo herdado dos povos germânicos, que nomeavam seus indivíduos a partir de duas palavras do léxico comum (modelo bitemático). Nossas transformações nos levaram a criar novos prenomes a partir de um modelo biformativo (constituindo prenomes a partir de uma palavra do léxico comum e um formativo, de um formativo antroponímico e uma palavra do léxico comum e através de dois formativos). É bastante significativo o número de formativos antroponímicos germânicos na antroponímia brasileira, constituindo um importante aspecto na inovação de prenomes no Brasil, sobretudo, na região nordeste. Assim, os formativos *Van-/-van* são os objetos de análise deste trabalho e a partir da Linguística Cognitiva, da Morfologia Construcional de Booij (2010) e da Sócio-história da Antroponímia Brasileira, buscamos demonstrar que um nome próprio de pessoa possui características muito peculiares, que merecem ser profundamente estudadas e divulgadas.

Palavras-chaves: Antroponímia, Morfologia Construcional, Linguística Cognitiva, Inovação.

ABSTRACT

In Brazil, many names are created from a model inherited from the Germanic peoples, who named their individuals after two words from the common lexicon (bitmatic model). Our transformations have led us to create new names based on a biformative model (constituting first names based on a word in the common lexicon and a formative, an anthroponomic format and a word in the common lexicon and through two formatives). The number of Germanic anthroponomic training courses in Brazilian anthroponomy is quite significant, constituting an important aspect in the innovation of first names in Brazil, especially in the northeast region. Thus, the *Van-/van* formatives are the objects of analysis of this work and from the Cognitive Linguistics, the Booij Constructive Morphology (2010) and the Socio-history of the Brazilian Anthroponomy, we seek to demonstrate that a person's own name has very peculiar, which deserve to be deeply studied and disseminated.

Keywords: Anthroponymy, Construction Morphology, Cognitive Linguistics, Innovation.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 10 |
| 1.1 A Onomástica e a Antroponímia | 10 |
| 1.2 O Cognitivismo e a Linguística Cognitiva | 10 |
| 1.3 Morfologia Geral e Morfologia Construcional | 12 |
| 1.4 A Inovação Antroponímica no Brasil | 15 |
| 2. METODOLOGIA | 17 |
| 3. ANÁLISE | 19 |
| 3.1 Os formativos <i>Van-</i> e <i>-van</i> | 19 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 26 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 27 |
| APÊNDICE A – Segmentação dos Formativos nos Prenomes Formados a partir de <i>Van-/van</i> | 29 |
| APÊNDICE B - Ocorrências dos Prenomes Masculinos, Femininos, Região e Pico de Ocorrência | 30 |
| APÊNDICE C - Ocorrências por Porcentagem..... | 31 |

INTRODUÇÃO

Apesar de parecer um ato comum e, praticamente simples, nomear é algo que implica em uma série de atitudes que, nós, seres humanos, tomamos sem, na maioria das vezes, considerar a rede de sentidos que este ato ativa quando o praticamos. Estritamente relacionado aos humanos é o ato de nomear. Desde os primórdios, nomeamos praticamente tudo. Nossas emoções, os objetos, os animais, os lugares e, sobretudo, as pessoas. Nomear pessoas é um ato bastante produtivo, prova disso é o fato de que se considera a antroponímia uma categoria universal. Para além disso, nos dias atuais, as inovações antroponímicas que ocorrem no português do Brasil dão mostras de que se trata de um sistema aberto e adaptável às necessidades dos falantes.

Ao longo de seu desenvolvimento o ser humano foi se estruturando e apresentando inovações na maneira de dar nome aos seus pares. No Brasil, principalmente, por questões fortemente atreladas ao legado germânico e à construção de uma nomeação identitária da nação é que precisamos considerar a relevância dos estudos antroponímicos tanto para compreendermos a importância do ramo linguístico ao qual está vinculado (Onomástica) quanto para revelarmos que aspectos foram imprimidos na identidade da Língua Portuguesa no Brasil. Além disso, aventar as questões de significação, categorização, significado pragmático e suas características morfossintáticas tratadas nos diversos estudos linguísticos com ênfase majoritária para a sintaxe.

Sabe-se que os povos germânicos muito contribuíram para a formação da língua portuguesa no Brasil deixando-nos marcas substanciais de superestrato linguístico. Assim, precisamos dizer que é a partir da maneira de nomear dos germânicos (que se utilizavam de um modelo bitemático, duas palavras do léxico comum) para construir os antropônimos de seus indivíduos, que nós, brasileiros, inovamos em nossa antroponímia constituindo novos nomes no modelo biformativo (com dois formativos).

Assim, a antroponímia e a morfologia constituem-se como objeto central deste trabalho. A partir delas e considerando o embasamento linguístico, nos fundamentaremos na Onomástica (levando em conta especialmente os estudos da Antroponímia no Brasil), a Morfologia (com ênfase na Morfologia Construcional), a Linguística Cognitiva e a História da Antroponímia no Brasil. Na composição deste trabalho, buscamos demonstrar ao leitor que um nome próprio de pessoa possui características singulares e que merecem ser profundamente estudadas e divulgadas.

Não é de hoje que os estudos onomásticos vem sendo realizados, mas sempre com

um lugar distante do debate e do aprofundamento dos estudos a seu respeito. Apesar de haver produções bastante significativas no ramo da toponímia, a produção relacionada à antroponímia ainda é pouco estudada e divulgada. É a partir dessas bases que este trabalho procura além de demonstrar a importância da onomástica, tornar ampla a divulgação da produção relacionada a esta área da linguística. Por isso, vincula-se ao projeto de pesquisa Novo Dicionário de Nomes em uso no Brasil, desenvolvido na UnB desde 2017 a partir dos mesmos propósitos, tornar mais profundas, acessíveis e amplamente divulgadas as pesquisas relacionadas à onomástica, e em especial, à antroponímia.

Nesse propósito, este estudo se apresenta nas seguintes seções: fundamentação teórica, metodologia, análise e considerações finais.

A fundamentação teórica visa estabelecer sob quais parâmetros os dados foram analisados, tem o propósito de demonstrar ao leitor quais referências bibliográficas foram visitadas para a produção do aporte que aqui se faz.

A metodologia demonstra como foi construído o corpus, além de informar minuciosamente cada etapa da pesquisa e como ela foi realizada.

Nossa análise, apresentada na seção 4, demonstra o quanto os formativos estudados (*Van-/-van*) apresentam características etimológicas, morfológicas e sócio-históricas atreladas diretamente à constituição da história da Língua Portuguesa no Brasil.

Por fim, as considerações finais fazem vista a todas as constatações feitas na análise do corpus.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Onomástica e a Antroponímia

A Onomástica é a ciência que estuda os nomes próprios em geral. O termo vem do grego ὀνομαστικός (*onomástikos*) e mesmo sendo uma ciência estabelecida no início do século passado, com os estudos de José Leite de Vasconcelos, ainda não há um aprofundamento acerca da onomástica nas variadas correntes teóricas desenvolvidas pelos linguistas, isto porque, acreditou-se, e acredita-se, que o objeto central da onomástica, o nome próprio, requer uma separação do estudo da teoria que estuda os nomes comuns, demandando um arcabouço teórico específico. Na maioria das vezes, as abordagens feitas em relação aos antropônimos e os nomes comuns estão baseadas apenas nas diferenças de um e de outro sem levar em conta suas similaridades e particularidades.

A partir da onomástica podemos ramificar outros estudos científicos relacionados aos nomes próprios, toponímia e antroponímia, por exemplo. Dentre estes estudos, especificamente, nos deteremos na antroponímia, palavra que vem do grego ἄνθρωπος (*ánthropos* – “pessoa”) e ὄνομα (*ónoma* – “nome”) a antroponímia é a ciência que estuda os nomes próprios de pessoa.

No Brasil, os estudos antroponímicos têm alcançado certo espaço, apesar de ainda se fazer necessário um maior aprofundamento e divulgação dos estudos. Nesse intuito, o *Projeto do Dicionário de Nomes em uso no Brasil*, que vem sendo desenvolvido na Universidade de Brasília-UnB, pretende ser objeto de ampla divulgação desses estudos, servindo como instrumento de conhecimento acessível ao público em geral.

1.2 O Cognitivismo e a Linguística Cognitiva

Nossos estudos também encontram forte fundamentação na Linguística Cognitiva (LC). Ferrari (2020) aponta que o termo *Linguística Cognitiva* “foi inicialmente adotado por um grupo particular de estudiosos, entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier”, esses estudiosos pretendiam “dar conta das relações entre sintaxe e semântica, investigando especialmente as relações entre forma e significado na teoria linguística”. A LC embasa-se, diferentemente da Linguística Gerativa, em termos de uma perspectiva não modular da linguagem,

que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais e compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual.
(FERRARI, 2020, p. 14)

Assim, a LC é, por sua vez, uma abordagem que leva em conta o conhecimento humano a partir do seu próprio contanto com o mundo e que se volta para o estudo de uma relação entre suas capacidades cognitivas gerais. É através dessa perspectiva que embasaremos nossos estudos em relação aos antropônimos, pois não é de agora que se procura estabelecer um consenso em relação aos nomes próprios de pessoa, tanto no que diz respeito à referência que os nomes próprios podem assumir, quanto a sua divisão para a gramática tradicional em próprios e comuns e isto, sem deixar claro, o real motivo dessa divisão.

Inicialmente, destacamos a questão da referência. Para isso, precisamos tratar do significado. Se dissermos, por exemplo, *Ana*, sabe-se que há, associada a este nome, uma informação de nível básico, que é: pessoa do sexo feminino. Isto quer dizer que essa referência possui o atributo de informar a natureza do ser nomeado. Depois, destacamos também a condição de que os nomes próprios de pessoa estão atrelados ao aspecto pragmático da linguagem, já existe toda uma rede de informações relacionada a este nome *Ana*, que ao ser emitido pelo falante, ativa no ouvinte uma série de concepções que estão enquadrados naquilo que chamamos de *frames*. Segundo Ferrari (2020) “o termo *frame* designa um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”. Somado a estas concepções e preciso levar em conta também que as mesmas estão atreladas às questões de personalidade, ou seja, a *Ana* do sujeito A não ativa os mesmos *frames* que a *Ana* do sujeito B. Por fim, nosso destaque está na motivação, que por sua vez, está relacionada às projeções metonímicas e metafóricas, ou seja, ao associarmos um nome a algum lugar ou a alguém, despontamos, mesmo que de maneira não muito objetiva, os atributos de seu referente ou o seu significado.

Soledade em seu artigo *Antropônimos, uso e cognição*, nos traz as seguintes constatações:

[...] podemos dizer que nomes próprios podem se referir a uma pessoa de gênero identificado ou não, a uma categoria de pessoas, a características próprias de uma pessoa. O significado original pode ou não ser recuperado, seja na motivação para atribuição do nome, seja em contextos específicos de

uso, quando o valor semântico primitivo do nome pode ser recuperado no discurso. [...] nomes próprios não possuem significado léxico declarado, mas exibem significados pressuposicionais de vários tipos: categórico (nível), sentidos associativos/referenciais (introduzidos através do nome do portador ou através do nome), sentidos emotivos e significados gramaticais. (SOLEDADE, 2019, p. 08).

Assim, fica clara que a interpretação que nosso cérebro faz quanto a um substantivo próprio é diferente da que ele faz quanto a um substantivo comum.

Para além dessa distinção, é preciso destacar que há uma similaridade na forma como nosso cérebro armazena informações para construção de novos itens lexicais. Esse processo se dá a partir de esquemas construcionais que permitem a criação de novas palavras.

Os esquemas construcionais podem ser definidos como “capazes de especificar as informações previsíveis acerca das classes de itens lexicais complexos totalmente enquadrados no esquema, e especificar como novas palavras complexas podem ser cunhadas” (SOLEDADE, 2019, pg 14, inédito).

1.3 Morfologia Geral e Morfologia Construcional

Feitas estas ponderações é imprescindível nos determos na *Morfologia* e tratar, mesmo que de maneira breve, de sua abrangência em, pelo menos, outras duas correntes de análise e nos determos precisamente, na que já temos abordado até aqui, que é a corrente cognitivista, atrelada à Linguística Cognitiva denominada de *Morfologia Construcional - MC*.

Os estudos morfológicos em âmbito linguístico encontram maior sistematicidade, no século XX, a partir do *Estruturalismo*. Podemos dizer que a *Morfologia* (do grego *morphé*- “forma” e *logía*- “estudo”) é o estudo da forma das palavras. A morfologia guarda relação direta com a noção de forma em diferentes usos e construções que abrangem a análise da estrutura interna das palavras e seus constituintes menores dotados de expressão e conteúdo, ou seja, a morfologia pode ser vista em dois planos, um que é o da realização sonora, da forma fonética (plano da expressão) e outro que é o do significado, da função (plano do conteúdo). Matoso Camara Jr, baseado nas concepções de Martinet (1960) concebe a linguagem em duas articulações, a primeira é a morfológica, a segunda é a fonológica.

Um aspecto de suma importância, na caracterização das línguas humanas, é o que o linguista francês André Martinet chamou “a dupla articulação da linguagem” (MARTINET, 1960:17). Ele entende, por essa denominação, a

circunstância de que a enunciação linguística se compõe de uma sequência vocal, suscetível de análise, até seus elementos últimos indivisíveis, e uma correspondência, também suscetível de análise, entre os grupos vocais e certas significações que a língua comunica. Como a função fundamental da língua é a comunicação entre os homens, tem-se nessa correspondência a primeira articulação. A segunda articulação é a das sequências vocais consideradas em si mesmas. Quando ouvimos uma língua que não conhecemos, só percebemos, de maneira mais ou menos exata, ou bastante aproximada, essa segunda articulação. (MARTINET, 1960 apud CAMARA JR, 2019, p. 43).

Assim, baseia-se no uso dos *morfemas* (que são as menores unidades significativas dotadas de expressão e conteúdo) e nas diferentes relações que estes morfemas desempenham, além de relacionar os vários mecanismos responsáveis pela criação de novas unidades.

Os estruturalistas se utilizavam de um método para separar os constituintes das palavras (morfemas). Esse método, denominado método comutativo, “consiste na substituição, pelo confronto, de uma forma por outra” (Martinet, 160:24 apud Gonçalves, 2019, p. 35). Por ser esse método fundamental para os estudos morfológicos, é também por meio dele que separamos os *formativos* dos prenomes.

Apesar do termo morfema ser amplamente utilizado nos estudos morfológicos, essa noção é bastante conflitante por uma série de motivos, dentre eles o da questão da significação, que por vezes requer a inclusão de demais aspectos que não os de âmbito morfológicos, mas sim, fonéticos, por exemplo, o que segundo Soledade (2012) “[...] acarreta problemas de descrição linguística, uma vez que, com alguma frequência, não é possível identificar claramente um significado ou função para uma forma mínima recorrente que não seja um fonema”, por isso, utilizamos neste trabalho o termo *formativo* adotado por Gonçalves (2016) e, assim, podemos entender o *formativo* como o elemento mórfico recorrente que se apresenta na construção de prenomes, quer tradicionais, quer inovadores e, embora esse termo seja usualmente utilizado para a descrição de elementos de natureza morfológica, principalmente de processos ditos não canônicos na formação de palavras, podemos aplicá-lo também a elementos que aparecem em processos morfolexicais tradicionais.

Até aqui, tratamos da corrente mais tradicional da morfologia, a estruturalista. Passaremos agora a tratar da corrente gerativista.

O Gerativismo foi concebido por Noam Chomsky e visa estudar a linguagem considerando a mente humana e concebendo uma relação com a organização biológica da espécie. Em âmbito morfológico o gerativismo leva em conta o conceito de criatividade, que é a capacidade que o falante tem de manejar as regras da língua para

produzir novas palavras. Desse modo, o gerativismo concebe seu eixo fundamental como sendo uma teoria sintaticocêntrica, lexicalista e que visa a constituição de uma gramática da língua da qual pesquisa, uma gramática descritiva. Nos estudos morfológicos o gerativismo, baseia-se na Regra de Formação de Palavras – RFP e na Regra de Análise Estrutural – RAE. Vejamos a afirmação de Maria Carlota Rosa sobre a tarefa do linguista em perspectiva gerativa:

O linguista visa alcançar com seu trabalho duas diferentes metas. Obviamente não é necessário dizer que qualquer uma delas pressupõe que seus dados devam ser confiáveis: que não tenha ouvido um som por outro, que não tenha entendido um som por outro, que não tenha entendido erroneamente o significado dos enunciados que coletou, que não tenha omitido informações... Uma das metas do linguista diz respeito à elaboração de uma gramática da língua que está pesquisando. Nada deve ficar por conta da imaginação do leitor. [...] De uma gramática totalmente explícita de uma língua se diz que alcançou a adequação descritiva.

Para explicar o porquê de a gramática daquela língua se apresentar de tal ou qual modo, o linguista deve esclarecer de que maneira ela concretiza possibilidades previstas pela GU, de que modo os princípios da GU interagem com dos dados, fixando determinados valores para parâmetros que, inicialmente, estariam em aberto para a criança. Se todos os seres humanos têm cérebros relativamente semelhantes e se todos podem ter como língua materna, em princípio, qualquer das línguas humanas, deve haver algo de comum a todas as línguas, apesar das diferenças óbvias entre elas. Ao conseguir fazer tal relação diz-se de seu trabalho que alcançou a adequação explicativa. (ROSA, 2011, p. 24).

Feitas estas acepções das correntes estruturalistas e gerativistas no âmbito dos estudos morfológicos, voltemos nossos olhos ao que nos propõe a *Morfologia Construcional – MC* sob o modelo de Booij (2010). Para tal, queremos apresentar duas considerações de Gonçalves (2016) que explicitam de modo geral as concepções desse viés teórico:

(1) o modelo de Booij (2005, 2007, 2010) se inscreve no paradigma da Linguística Cognitiva e adapta a abordagem construcionista de autores como Goldeberg (1995) e Goldberg e Jackendoff (2004) voltados para a sintaxe, à descrição de fatos morfológicos. Na Linguística Cognitiva (cf Langacker, 2008), a gramática é essencialmente simbólica, o que implica dizer que há um pareamento fundamental entre estrutura semântica e estrutura fonológica. A diferença dessa afirmação para a noção de signo saussuriano é que, por signo, na Gramática de Construções (Goldeber, 1995, 2006) entendem-se quaisquer estruturas linguísticas, de qualquer nível, não havendo, portanto, separação dos chamados componentes da gramática, como no gerativismo. (GONÇALVES, 2016, p. 20-21).

(2) Booij (2010) mostra que uma abordagem construcional possibilita tratar mais satisfatoriamente a relação entre semântica, sintaxe, morfologia e léxico, observando melhor as semelhanças de formação dos níveis de palavra e da frase. Assim, a MC constitui enfoque bem mais integrado para a morfologia. Esquemas morfológicos podem ser interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra [...]. (GONÇALVES, 2016, p. 23).

Levando em conta as assertivas acima, podemos dizer que existe, na mente de cada falante, um esquema de construção. Esses esquemas, denominados esquemas construcionais, são responsáveis pela criação de novas palavras por parte do falante que a partir deles se utiliza da criação de novos nomes, sejam eles comuns ou próprios.

Para os antropônimos podemos admitir que há processos de formação por composição e derivação, apresentados nos seguinte esquemas: **composição**: [[X]X [Y]Y]S, **sufixação**: [[X]X Y]Y e **prefixação**: [X [Y]Y]Y. Já para os processos não concatenativos, podemos apresentar os cruzamentos vocabulares e os splinters que se apresentam em esquemas semelhantes ao da composição, **processos não concatenativos**: [[X]X [Y]Y]S.

Em nosso estudo nos utilizaremos de exemplos de um conjunto de substantivos ditos inovadores por não estarem dicionarizados e por ativarem esquemas construcionais de natureza concatenativa e não concatenativa, ressaltando que no Brasil ocorre uma diferenciação em relação ao fato de nomear um indivíduo, pois há peculiaridade no que se refere à difusão do fenômeno biformativo, uma vez que, são bastante produtivos, no português brasileiro, formativos de origem germânica, de configuração morfológica essencialmente biformativa e de função designativa, empregados em palavras do léxico comum com comportamento distribucional estável, podendo ocupar a margem direita, esquerda ou apresentando também mobilidade distribucional por meio de esquemas de natureza concatenativa e não concatenativa. Essa característica é fundamental para a construção do papel que a morfologia assume na inovação quanto à formação de nomes próprios brasileiros.

Na formação dos nomes germânicos em sua matriz, a característica bitemática (que entenderemos como biformativa) está relacionada ao fato de que dois elementos do léxico comum (adjetivos e substantivos) se uniam para formar um composto personativo. Ao que tudo indica a neologia antroponímica no Brasil é essencialmente biformativa e, como defende Rodrigues (2019), isso se dá pela influência dos nomes de origem germânica que se difundiram no território nacional. Tal hipótese tem sido amplamente confirmada pelos estudos antroponímicos que se estabeleceram ao longo dos anos.

1.4 A Inovação Antroponímica no Brasil

Ao tratarmos da sócio-história da antroponímia no Brasil, precisamos lembrar que na Idade Média a ocupação bárbara dos territórios ocupados pelos romanos

proporcionou a incorporação de elementos do sistema antroponímico germânico ao sistema de nomeação de pessoas no português medieval, Soledade (2019), afirma:

Os prenomes de origem germânica, para além do intenso legado, terão um importante papel na construção da antroponímia brasileira, uma vez que acreditamos fortemente na influência do modelo de formação de nomes germânicos sobre a criação de novos nomes no Brasil, além do emprego de formativos tirados de nomes germânicos [...]. (SOLEDADE, 2019, p. 422).

Retomarmos esse aspecto é importante para prosseguirmos com a história da antroponímia brasileira, pois acredita-se que a inovação antroponímica brasileira tenha uma relação intrínseca com a formação ética, social, econômica e política da população. Por isso, precisamos considerar um percurso histórico do Brasil levando em conta alguns fatos, são eles: 1) **A promulgação da Lei Áurea em 1888**. O Brasil foi um dos últimos países a “abolir por lei”, a escravatura, este fato está fortemente atrelado ao apagamento que sofreram, inclusive em seus nomes, os povos africanos que para este país foram trazidos. Além de consolidar em nossa antroponímia características germânicas, já que era a Igreja, a entidade responsável, por muitos anos, de “dar nomes” aos povos que aqui chegavam de África e que aqui nasciam, na colônia. A escravidão deixou marcas no sistema de nomeação de pessoas no Brasil e a imposição antroponímica cristã, através dos batismos católicos, levou ao apagamento da antroponímia africana; 2) **A Proclamação da República em 1889** levou o país a um crescente influxo de imigrantes para substituir a mão de obra escrava e também levou o país a estatizar o Registro Civil; 3) **A Proclamação da Independência em 1922**, configura-se com um dos primeiros indícios de uma nação autônoma e confere ao nosso país certa identidade, essa identidade refletirá significativamente na formação da antroponímia; 4) **O Brasil, ex-colônia de Portugal, agora independente e de escravatura abolida**, torna-se um país de maioria populacional negra ou parda e pobre, em sua maioria, o que demonstra a deslegitimação dos indivíduos ex-escravizados dentro das esferas políticas e sociais.

2. METODOLOGIA

Este trabalho está vinculado ao Projeto *Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil*, que é desenvolvido na Universidade de Brasília - UnB, sob a coordenação da professora doutora Juliana Soledade Barbosa Coelho e é também financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

O projeto vem sendo desempenhado desde 2017 com a parceria de outras universidades brasileiras e estrangeiras como a Universidade Federal da Bahia – UFBA e a Universidade de Coimbra – UC, além de contar com inúmeros colaboradores, sendo estes doutores, mestres e estudantes de graduação. Também está vinculado ao Programa para a História da Língua Portuguesa - PROHPOR, fundado em 1990 e cadastrado no CNPq em 1991, sob coordenação da professora doutora titular emérita da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Rosa Virginia Mattos e Silva (*in memoriam*).

Tomando por base os dicionários de José Pedro Machado (2002) e Antenor Nascentes (1962) é possível perceber que a antroponímia brasileira passou por uma grande revolução. Assim, no intuito de mapear essas mudanças e registrar as inovações ocorridas na antroponímia brasileira é que se destina o *Projeto Novo Dicionário de Nomes no Brasil*, além de tornar amplamente divulgados e de fácil acesso os dados por ele levantados.

Este trabalho acerca dos nomes com os formativos *Van-* (*Vanilson*) *-van* (*Lucivan*) vem integrar o *Projeto do Dicionário de Nomes em uso no Brasil*, uma vez que esse dicionário, para além de dar conta dos prenomes em uso no Brasil, pretende demonstrar como os nomes inovadores, criados no Brasil, estão sendo formados do ponto de vista morfológico. Essa pesquisa dá continuidade ao estudo realizado na Iniciação Científica acerca dos nomes formados com os formativos *ED-* e *-BERTO*.

Inicialmente, procuramos aprofundar as leituras acerca da antroponímia brasileira e dos processos morfológicos de formação de nomes comuns e próprios. A pesquisa conta com a produção científica dos colaboradores do projeto. Os estudos são associados ao ramo da Linguística denominado Onomástica e aos demais ramos e teorias linguísticas como a Morfologia Construcional – MC, a Linguística Cognitiva, a História da Língua Portuguesa no Brasil, o Português Arcaico, a Fonética e Fonologia.

Depois, fizemos um levantamento dos dados a partir do Dicionário de Nomes no

Brasil¹. Essa parte da pesquisa contou com quatorze nomes já dicionarizados. Em seguida, levantamos dados por meio de pesquisa junto a plataforma do censo demográfico de 2010 do IBGE², essa etapa contou com o registro de vinte e cinco prenomes formados a partir do formativo em estudo (*Van-/-van*).

Após o levantamento, os dados foram tabulados conforme sequência a seguir: prenome, gênero (masculino e feminino), ano do primeiro registro e os estados mais frequentes. Depois, analisamos o comportamento do formativo, suas associações, sua frequência de uso e sua etimologia. Fichamos no *Novo de Dicionário de Nomes em uso no Brasil* os nomes que ainda não estavam registrados. Posteriormente, analisamos cada prenome a partir de separação segmental dos formativos, por frequência de uso (destacando que sempre que um formativo apresenta recorrência de mais de dez mil, assume status de prenome), possibilidades de comportamentos distribucionais levando em conta suas particularidades. Todas essas informações serviram de base para a análise dos dados.

¹ <https://dicionariodenomesdobrasil.com.br/>

² <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>

3. ANÁLISE

3.1 Os formativos *Van-* e *-van*

A Etimologia é uma grande aliada da Onomástica e, em verdade, alguns linguistas agregam as duas ciências como sendo uma só. Porém, segundo Viaro (2020) “os nomes próprios têm particularidades linguísticas para as quais o método etimológico não consegue ser usado com rigor”. Assim, apesar da importância e relevância que os estudos etimológicos têm para o estudo da antroponímia, nem sempre é possível, a exemplo do formativo em análise, afirmar com precisão a origem de determinados formativos ou mesmo de alguns prenomes ou sobrenomes. Usando ainda as palavras de Viaro (2020) “os nomes próprios de pessoas e lugares são, muitas vezes, dados pelos pais ou pela sociedade num ato de nomeação, com grande arbitrariedade e assistemática, tal como ocorre nos tabuísmos”.

Quanto ao formativo em estudo (*Van-/van*) apesar de apresentar um uso bastante recorrente, não podemos afirmar ao certo, qual teria sido o seu significado primitivo. Segundo os etimólogos, algumas hipóteses para sua origem podem ser aventadas. Para Guérios (1981) “VAN: é uma preposição neerlandesa (hol. e flamenga), que seguida de topônimo indica a origem, o lugar da habitação, e excepcionalmente serve de sinal de nobreza”, já Nascentes (1952), a menção ao formativo, aparece no verbete *Vanda*, no qual diz que “Nunes considera hipocorísticos de nomes germânicos começados por *Van-*, como *Vandelgarda*. Guérios relaciona com os verbos alemães, *weden* (voltar), *wandeln* (caminhar), *wanden* (peregrinar) e interpreta como «(pequena) vândala» ou «andarilha», *Vanda* era a protetora dos peregrinos ou dos vândalos”. Em Machado (2002), as hipóteses aparecem relacionadas aos verbetes de nomes como *Vamberto*, *Vanderlei*. Em *Vamberto* ele aventa a possibilidade de que seja uma criação arbitrária, isto é, um inovadorismo antroponímico, fruto da junção entre *Vam-* e *Berto* e diz que embora aponte para a possível origem germânica de nome, admite que *Vam-* teria uma origem desconhecida. Sobre *Vanderlei*, aponta a origem para o holandês *van der Ley*, que seria um gentílico «da ardósia».

Portanto, existem as seguintes hipóteses para a origem do formativo VAN: 1) teria uma origem holandesa, com uma antiga informação relacionada a gentílicos (origem, lugares); 2) uma origem germânica, retirada de nomes como *Vanda*, *Vandalario*, *Vandelgarda* em cuja formação o elemento *Van-* estaria relacionado aos verbos *weden*

(voltar), *wandeln* (caminhar), *wanden* (peregrinar).

Assim, a princípio, parece-nos que o formativo, em sua origem, seja mais provavelmente ligado à tradição neerlandesa e, portanto, relacionado originalmente à designação de origem e localidade. Todavia, essa segue sendo apenas uma hipótese, a que essa pesquisa não pretende aprofundar. Seja qual seja a origem, o fato que os dados demonstram é que, o formativo *VAN* se tornou produtivo no português brasileiro para formar novos prenomes, seja na posição da margem direita, *Josivan*, seja na posição da margem esquerda, *Venerson*.

Uma vez tratada a questão da origem etimológica do formativo, passemos aos outros aspectos que envolvem sua morfologia e a formação dos prenomes que se destina. Trataremos, inicialmente, da formação da antroponímia no Brasil em aspectos gerais.

Sobre a formação da antroponímia brasileira é importante destacar que a sua composição leva em conta o aspecto da construção identitária da cultura brasileira. Ao considerarmos esse aspecto, precisamos levar em conta também uma série de fatores que podem nos mostrar o quão a antroponímia brasileira apresenta peculiaridades.

Tais peculiaridades podem ser atreladas aos aspectos de biformatividade, uma herança do legado germânico na nossa antroponímia. Segundo Soledade:

Ao longo da Idade Média, a evolução do sistema antroponímico que operava em torno da atribuição de um único nome (prenome) e que passou a uma fórmula constituída por dois elementos, foi, talvez, o marco mais significativo do processo de formação dos antropônimos medievais. (SOLEDADE, 2019, p. 420).

A biformatividade ocorria na antroponímia germânica da seguinte maneira: os germânicos se utilizavam de duas palavras do léxico comum para construir um novo nome. No prenome, *Arnaldo*, por exemplo, temos a seguinte constituição: *Aar*: águia + *wald*: forte, potente. Assim, o prenome teria, à época, o significado de *águia forte* e se apresenta com duas palavras do léxico comum: águia (substantivo) e forte (adjetivo). Na antroponímia brasileira essa constituição é bastante recorrente e pode acontecer em três processos, a partir das seguintes constituições: com duas palavras do léxico comum: *Brisamar* (brisa, substantivo comum + mar, substantivo comum), *Rosaflor* (rosa, substantivo comum + flor, substantivo comum), com empregos de formativos próprios do sistema onomástico pessoal: *Cristinaldo* (*Cristina*+*Aldo*), *Franciscleide* (*Francisco*+*Cleide*) e com combinações de palavras comuns e formativos antroponímicos: *Flormaria* (Flor, substantivo comum + *Maria*, substantivo próprio), *Analuz* (*Ana*, substantivo próprio + luz, substantivo comum). Sobre essas ponderações

vejamos o que afirma Rodrigues (2016) ao considerar as palavras de Piel:

Piel (1960), citado por Mattos e Silva (2003), explica que o sistema de nomeação germânico normalmente utilizava uma formação bitemática, em que dois elementos do léxico comum são unidos para formar um composto personativo, por exemplo, no caso de Teodorico (Teodo “povo” + rikus “rico, poderoso”). Havia também a formação monotemática, que eliminava o segundo componente e adicionava um formativo final como em Teoda (Teodo + ila); ou que poderia resultar da redução de um nome bitemático como Menendo, que é uma palavra reduzida de Menendez. O autor também classifica a onomástica germânica através de “campos conceituais” que perpassavam por mitos e cultos antigos, povos e tribos, animais, elementos bélicos e sentimentos de conquista como a coragem, a fama e a vitória. Ele fala ainda do uso de adjetivos que denotavam qualidades físicas e morais (PIEL 1960 apud MATTOS E SILVA, 2003). (RODRIGUES, 2016, p. 26)

Assim, fica claro que havia no sistema germânico um processo de formação bitemática (dois temas, duas palavras do léxico comum se destinavam a formar um prenome) e este sistema bitemático estendeu-se ao longo do tempo e no Brasil, por herança e alusão a esse processo de formação, formamos prenomes de forma biformativa (dois formativos se destinam a formar um prenome).

Além dessas características, precisamos levar em conta também que os prenomes podem formar-se a partir de dois processos genolexicais, sendo eles: de natureza concatenativa e de natureza não concatenativa. Gonçalves (2019) ressalta: “nas operações aglutinativas, como a composição, a prefixação e a sufixação, um formativo se inicia exatamente no ponto em que o outro termina”. Dessa forma, para os processos de natureza concatenativa consideramos as formações de natureza composicional (formações por justaposição e aglutinação) e de natureza prefixal e afixal (processos formados a partir de formativos que se atrelam a margem esquerda ou direita dos prenomes). Já os processos de formação de natureza não concatenativa, são aqueles que ainda não adquiram estatuto consolidado na língua, considerando ainda o que conceitua Gonçalves:

nos processos não concatenativos, a sucessão linear dos elementos morfológicos pode ser rompida por reduções, fusões, intercalações ou repetições, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina. (GONÇALVES, 2019, p. 144-145)

assim, há formações por hipocorização, truncamentos, acréscimos de sufixos avaliativos, por metaplasmos, *splinters*, cruzamento vocabular e até mesmo fora da esfera morfológica.

Tratadas estas questões, ainda se faz necessário dizer que para estabelecermos o que vem a ser um formativo, nos utilizamos do método comutativo que remete ao princípio básico das análises morfológicas estabelecido pelos estruturalistas. Finalmente,

é necessário reiterar que tomamos por base o uso do termo “*formativo*” adotado por Gonçalves (2016) considerando que ele é o elemento mórfico recorrente que se apresenta na construção de prenomes, quer tradicionais, quer inovadores, embora esse termo seja usualmente utilizado para a descrição de elementos de natureza morfológica, principalmente de processos ditos não canônicos na formação de palavras, podemos aplicá-lo também a elementos que aparecem em processos morfolexicais tradicionais.

Os formativos podem apresentar características muito peculiares, as quais podemos demonstrar em esquemas construcionais dos quais podem se constituir de formações que se apresentam na margem direita, como no caso do formativo *Ed-*, que é um formativo de margem esquerda e que se destina a formar prenomes que só podem ser identificados como masculinos ou femininos a depender do formativo que ocupará a margem esquerda do prenome. Vejamos: *Ed-o*, formativo “o”, nome masculino, *Ed-a*, formativo “a”, nome feminino. Assim, dizemos que o formativo *Ed-* é um formativo de margem esquerda que se destina a formar prenomes tanto masculinos como femininos, já que ocupa a margem esquerda. Seu esquema é constituído da seguinte maneira: [ED(i/e)-X]NP↔[nome de pessoa]NP. Além disso, pode associar-se a formas livres ou presas.

Outros formativos, por sua vez, apresentam-se apenas em uma das margens, na direita; a exemplo, temos o formativo *-berto*. Por apresentar-se na margem direita, destina-se a formar prenomes masculinos, como o caso do prenome *Edilberto*. O formativo apresenta o seguinte esquema construcional: [X-BERTO]NP↔[nome de pessoa do sexo masculino]NP.

A essa característica dos formativos de se apresentarem de forma posicional em uma das margens (somente na esquerda ou somente na direita) ou nas duas margens (direita ou esquerda), chamamos de estabilidade no primeiro caso ou de mobilidade distribucional no segundo caso.

O formativo *Van-/-van* apresenta mobilidade distribucional, pois configura-se sempre em uma das margens (direita ou esquerda). Nos prenomes *Adelvan*, *Lucivan* e *Jucivan*, o formativo aparece na margem direita, já nos prenomes *Vancarlos*, *Vanaldo* e *Vanclei*, aparece na margem esquerda.

Nos nomes pesquisados (um total de 39 prenomes) quando o formativo aparece de forma medial, não se pode configurá-lo como *Van-/-van*, mas sim, com outro formativo com outra configuração e outro significado. Além disso, o formativo apresenta uma característica que nos chama bastante a atenção. Aparece associado a outros prenomes e a outros formativos para formar um novo prenome, como nos casos de *Arivan*

(prenome+formativo), *Josivan* (formativo+formativo) e *Vanilson* (formativo+prenome), por isso, dizemos que esse formativo se associa a formas livres.

Em todas as ocorrências analisadas o formativo parece formar um *splinter* na margem direita ou esquerda do prenome a que se associa. Tal fato nos fez suscitar algumas questões a respeito das associações que os prenomes podem fazer e quais características assumem ao se associarem a outros prenomes ou formativos.

Podemos dizer o seguinte: há prenomes que aparecem como base do antropônimo. Nessa constituição, são por sua vez, geradores de outros prenomes. Assim, são formativos. Todavia seu uso é tão produtivo que podem, inclusive, assumir a forma de um prenome autônomo (*Van* e *Vam*), a partir de uma formação como hipocorístico dos prenomes em que ocorre.

Nas palavras do léxico comum isso geralmente não acontece. Nas muitas ocorrências da língua é difícil encontrar um prefixo ou sufixo, por exemplo, que se destaque a ponto de assumir o status de uma palavra. Em geral, eles modificam o sentido de uma palavra a que se associam. Na palavra “feliz” temos um significado. Se acrescentarmos a ela um prefixo “in-”, por exemplo, modificamos o sentido e se, acrescentamos o sufixo “-mente”, além de modificarmos o sentido, alteramos, por derivação imprópria, já que o prefixo mudou a classe morfológica da palavra, a sua classe gramatical. Mesmo assim, nenhum desses “morfemas”, assumem por si, status de palavra na língua, o que no caso dos prenomes é totalmente diferente, pois eles assumem status de prenomes por si, deixando de ser formativos. Se o que consolida a língua é o uso, o que consolida o prenome, também é o uso.

Daí, ao estabelecermos determinadas fronteiras quanto ao que é prenome e o que é formativo, se é que elas sejam possíveis, precisamos levar em conta uma série de questões relacionadas ao uso, a posição e ao significado. Este último critério, ao nosso ver, nesse momento, parece ser mais complexo e necessita de mais esclarecimentos. Quanto ao uso, acreditamos que se o formativo já adquiriu status de prenome na língua (para tal, consideramos os prenomes com frequência de 10.000 ocorrências ou mais) e aparece de forma pura, ou seja, sozinho, é, portanto, um formativo que assumiu status de prenome pelo uso. Se aparece anteposto ou posposto a um prenome de base ou mesmo a um formativo, assume seu papel primeiro, de formativo e passa a estabelecer novos prenomes a partir de *construção biformativa*.

Ainda sobre a composição do formativo, encontramos dois prenomes com a letra “m”. Sendo eles: *Vamberto* e *Vam*. A associação que fazemos quanto a este fato não se

atrela a mudança de formativo, mas sim, a própria constituição da consoante “m”. Segundo o *Alfabeto Fonético Internacional* (IPA) a consoante [m] é uma consoante nasal bilabial sonora e a consoante [n] é uma consoante nasal dental sonora, diferem apenas no ponto de articulação (a primeira é bilabial a segunda é dental) fato que dá a essas consoantes a facilidade de serem confundidas pelo falante no momento da escrita. Somado a isso, temos a famosa regra da língua que diz: “antes de p e b, só se coloca m”. Por isso, no prenome *Vamberto*, aparece a consoante “m”. No caso de *Vam* ocorre o que já mencionamos anteriormente quanto ao fato das consoantes diferirem apenas em ponto de articulação.

O formativo em análise destina-se a formar nomes preponderantemente masculinos, 77% dos prenomes (30 prenomes) são preponderantemente masculinos. Mesmo assim, há ocorrências que aparecem nomes que também se apresentam em feminino, mesmo que em menor quantidade. Tal fato pode está associado ao seu formativo final “-n”, que aparece na grande maioria dos prenomes pesquisados. Quando há prenomes preponderantemente femininos, 23% das ocorrências (09 prenomes), o formativo aparece na margem esquerda e, na grande maioria dos nomes apresentados, formam-se a partir dos formativos “a”.

Apesar do formativo apresentar mobilidade distribucional, marca sempre o gênero de seus prenomes. Se aparece na margem direita destina-se a formar prenomes masculinos, mas forma também, prenomes masculinos na margem esquerda. Nos chama atenção o fato de que todos os prenomes femininos sejam formados quando o formativo está na margem esquerda. Isso ocorre porque, ao ocupar a margem esquerda, deixa a margem direita “vaga”, possibilitando que essa, receba formativos desinenciais geradores de prenomes femininos.

Considerando os parâmetros da morfologia construcional de Booij (2010) propomos o seguinte esquema construcional para o formativo estudado:

$$[\text{Van-X}]NP \leftrightarrow [\text{nome de pessoa masculino ou feminino}]NP$$

e

$$[\text{X-van}]NP \leftrightarrow [\text{nome de pessoa masculino}]NP$$

Em relação à forma do elemento *Van-* em nossas ocorrências encontramos uma possível variante *Vani-* que é suscitada pelas construções *Vaniclei* e *Vanimar*. Nesse caso, o *-i-* parece como uma vogal de ligação que possibilita uma construção com dois

formativos que terminam e começam com consoante. Também vale destacar que a inclusão da vogal promove um paralelismo com outros prenomes construídos com *-van*, por exemplo, *Lucivan*, *Josivan*, *Ronivan*, etc.

Uma vez tratadas essas questões que estão relacionadas diretamente a constituição morfológica dos formativos em análise, consideremos as questões históricas e geográficas que também se relacionam diretamente com as questões etimológicas e morfológicas já levantadas até aqui.

A grande profusão de nomes formados a partir de *Van-/-van* se dá a partir dos anos 80. Há vinte e quatro prenomes com maior uso nesses anos, o que representa 67% dos prenomes pesquisados. Somado a este fato, precisamos considerar que a região nordeste é a região onde mais aparecem prenomes formados a partir do uso do formativo estudado. A região representa 50% do total de prenomes formados a partir de *Van-/-van*. Como mencionamos no início de nossa análise, o formativo tem, provavelmente, origem holandesa. Os povos holandeses habitaram a região nordeste do Brasil, sobretudo as regiões de Pernambuco e Salvador no final do século XVI. Tais relações se deram a partir das questões diplomáticas entre Portugal, Espanha e Holanda. Tal fato, certamente, colaborou para a herança do formativo na língua portuguesa e conseqüentemente para o seu produtivo uso na formação de prenomes. Além disso, precisamos considerar que a região nordeste é altamente produtiva quanto ao uso de formativos inovadores. Na grande maioria dos prenomes que são inovadores é possível encontrar essa região como preponderante no uso de novos nomes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Onomástica é a ciência que estuda os nomes próprios em geral e mesmo sendo uma ciência estabelecida no início do século passado, com os estudos de José Leite de Vasconcelos, ainda não há um aprofundamento acerca da onomástica nas variadas correntes teóricas desenvolvidas pelos linguistas. A partir da onomástica podemos ramificar outros estudos científicos relacionados aos nomes próprios. A antroponímia é a ciência que estuda os nomes próprios de pessoa.

Nomear pessoas é um ato bastante produtivo, prova disso são as inovações antroponímicas que ocorrem no português do Brasil.

O formativo *Van-/-van* apresenta mobilidade distribucional, pois configura-se sempre em uma das margens (direita ou esquerda). Nos prenomes *Adelvan*, *Lucivan* e *Jucivan*, o formativo aparece na margem direita, já nos prenomes *Vancarlos*, *Vanaldo* e *Vanclei*, aparece na margem esquerda. Nos nomes analisados (um total de 39 prenomes) quando o formativo aparece de forma medial, não se pode configurá-lo como *Van-/-van*, mas sim, com outro formativo com outra configuração e outro significado. O formativo apresenta uma característica que nos chama bastante a atenção. Aparece associado a outros prenomes e a outros formativos para formar um novo prenome, como nos casos de *Arivan* (prenome+formativo), *Josivan* (formativo+formativo) e *Vanilson* (formativo+prenome), por isso, dizemos que esse formativo se associa a formas livres. Em todas as ocorrências analisadas o formativo parece formar um *splinter* na margem direita ou esquerda do prenome a que se associa.

Há prenomes que aparecem como base do antropônimo. Nessa constituição, são por sua vez, geradores de outros prenomes. Assim, são formativos. Todavia seu uso é tão produtivo que podem, inclusive, assumir a forma de um prenome autônomo (*Van* e *Vam*), a partir de uma formação como hipocorístico dos prenomes em que ocorre.

A grande profusão de nomes formados a partir de *Van-/-van* se dá a partir dos anos 80. Há vinte e quatro prenomes com maior uso nesses anos, o que representa 67% dos prenomes pesquisados. A região nordeste é a região onde mais aparecem prenomes formados a partir do uso do formativo estudado. A região representa 50% do total de prenomes formados a partir de *Van-/-van*.

Considerando os parâmetros da morfologia construcional de Booij (2010) propomos o seguinte esquema construcional para o formativo estudado: [Van-X] NP↔ [nome de pessoa masculino ou feminino]NP e [X-van]NP↔[nome de pessoa masculino].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque, SEIDE, M. S. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2020.
- BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, Joan L. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes*, v.10, p. 425–55, 1995.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. – (Coleção de Linguística)
- CARVALHINHOS, Patrícia. Aplicações da teoria dos signos na Onomástica. *Língua e Literatura*, n. 27, p. 301-311, 2001.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. 1. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C; MEDEIROS, A. *Para Conhecer Morfologia*, São Paulo: Contexto, 2016. – (Coleção para Conhecer)
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- MILL, J. Stuart. *A system of logic, ratiocinative and inductive*. New York: Harper Brothers Publishers, 1846.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.
- RODRIGUES, Letícia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SILVA, Daniel Neves. "Invasões holandesas no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/invasoes-holandesas-no-brasil.htm>. Acesso em 06 de abril de 2021.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; RODRIGUES, Letícia Santos. *A neologia e os processos genolexicais em antropônimos brasileiros: um breve mapeamento de estudos realizados*. Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos, Unilab, v. 1, n.2, p. 110-127, 2017.

SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, p. 1295-1350, 2018.

SOLEDADE, Juliana. Antroponímia, uso e cognição. In: SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. A. *Nomes próprios: abordagens linguísticas*. (No prelo).

SOLEDADE, Juliana; LOPES, M. S. Uma proposta de revisão do conceito de morfema. In: COELHO, J. S. B.; ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTANA, Elisângela (Org.). *Para a construção de saberes lexicais*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 127-159.

SOLEDADE, Juliana. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p.323-336.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2011

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

VAN LANGENDONK, Willy. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin/ New York, Mouton de Gruyter, 2007.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. 1. ed., 2ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2020.

VIARO, Mário Eduardo. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Globo Livros, 2013.

**APÊNDICE A – Segmentação dos Formativos nos Prenomes Formados a partir de
Van-/-van.**

| Nº | Prenome | Segmentação | Classificação |
|-----------|-------------------|-----------------------------------|--|
| 1. | <i>Adelvan</i> | Adel-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 2. | <i>Advan</i> | Ad-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 3. | <i>Alcivan</i> | Alci-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 4. | <i>Aldevan</i> | Alde-van ((formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 5. | <i>Arivan</i> | Ari-van (prenome+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 6. | <i>Djavan</i> | Dja-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 7. | <i>Elivan</i> | Eli-van (prenome+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 8. | <i>Genivan</i> | Geni-van (prenome+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 9. | <i>Geovan</i> | Geo-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda, hipocorístico de Geovani/e – apócope do “e/i” |
| 10. | <i>Gildevan</i> | Gilde-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 11. | <i>Josivan</i> | Josi-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 12. | <i>Jucivan</i> | Juci-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 13. | <i>Lucivan</i> | Luci-van (prenome+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 14. | <i>Regivan</i> | Regi-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 15. | <i>Renivan</i> | Reni-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 16. | <i>Robervan</i> | Rober-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 17. | <i>Ronivan</i> | Roni-van (prenome+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 18. | <i>Rosevan</i> | Rose-van (prenome+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 19. | <i>Rubervan</i> | Ruber-van (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem esquerda |
| 20. | <i>Vam</i> | Vam | Formativo puro, assumiu status de prenome |
| 21. | <i>Vamberto</i> | Vam-berto (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 22. | <i>Van</i> | Van | Formativo puro, assumiu status de prenome |
| 23. | <i>Vanaldo</i> | Van-aldo (formativo+prenome) | Construção biformativa na margem direita |
| 24. | <i>Vanberto</i> | Van-berto (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 25. | <i>Vancarlos</i> | Van-carlos (formativo+prenome) | Construção biformativa na margem direita |
| 26. | <i>Vaniclei</i> | Van-clei (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 27. | <i>Vancleison</i> | Van-cleison (formativo+prenome) | Construção biformativa na margem direita |
| 28. | <i>Vancleiton</i> | Van-cleiton (formativo+prenome) | Construção biformativa na margem direita |
| 29. | <i>Vanerson</i> | Van-erson (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 30. | <i>Vanice</i> | Van-ice (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 31. | <i>Vaniclei</i> | Van(i)-clei (formativo+foramtivo) | Construção biformativa na margem direita |
| 32. | <i>Vanilda</i> | Van-ilda (formativo+prenome) | Construção biformativa na margem direita |
| 33. | <i>Vanilma</i> | Van-ilma (formativo+prenome) | Construção biformativa na margem direita |
| 34. | <i>Vanilson</i> | Van-ilson (formativo+prenome) | Construção biformativa na margem direita |
| 35. | <i>Vanimar</i> | Van(i)-mar (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 36. | <i>Vanir</i> | Van-ir (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 37. | <i>Vanira</i> | Van-ira (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |
| 38. | <i>Vanise</i> | Van-ise (formativo+formativoa) | Construção biformativa na margem direita |
| 39. | <i>Vanislei</i> | Van-islei (formativo+formativo) | Construção biformativa na margem direita |

APÊNDICE B - Ocorrências dos Prenomes Masculinos, Femininos, Região e Pico de Ocorrência

| Nº | Prenome | Ocorrências Masculinas | Ocorrências Femininas | Região de Maior Ocorrência | Pico de Ocorrência |
|-----------|-------------------|-------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|---------------------------|
| 1. | <i>Adelvan</i> | 899 | 09 | Nordeste | 1980 |
| 2. | <i>Advan</i> | 587 | 17 | Norte | 1980 |
| 3. | <i>Alcivan</i> | 888 | 09 | Nordeste | 1980 |
| 4. | <i>Aldevan</i> | 565 | 14 | Nordeste | 1980 |
| 5. | <i>Arivan</i> | 530 | 16 | Norte | 1980 |
| 6. | <i>Djavan</i> | 2.151 | 15 | Nordeste | 1980 |
| 7. | <i>Elivan</i> | 4.021 | 280 | Norte | 1980 |
| 8. | <i>Genivan</i> | 1.629 | 102 | Norte | 1980 |
| 9. | <i>Geovan</i> | 5.511 | 152 | Nordeste | 1980 |
| 10. | <i>Gildevan</i> | 2.392 | 29 | Nordeste | 1980 |
| 11. | <i>Josivan</i> | 17.020 | 161 | Nordeste | 1980 |
| 12. | <i>Jucivan</i> | 969 | 40 | Nordeste | 1980 |
| 13. | <i>Lucivan</i> | 2.647 | 329 | Norte | 1980 |
| 14. | <i>Regivan</i> | 1.695 | 45 | Norte | 1980 |
| 15. | <i>Renivan</i> | 517 | 29 | Nordeste | 1980 |
| 16. | <i>Robervan</i> | 796 | 06 | Norte | 1980 |
| 17. | <i>Ronivan</i> | 1.077 | 23 | Centro-oeste | 1980 |
| 18. | <i>Rosevan</i> | 238 | 46 | Nordeste | 1980 |
| 19. | <i>Rubervan</i> | 247 | 04 | Norte | 1980 |
| 20. | <i>Vam</i> | 20 | 02 | * | * |
| 21. | <i>Vamberto</i> | 849 | 04 | Nordeste | 1970 |
| 22. | <i>Van</i> | 474 | 52 | Nordeste | 1990 |
| 23. | <i>Vanaldo</i> | 469 | 01 | Norte | 1970 |
| 24. | <i>Vanberto</i> | 553 | 02 | Nordeste | 1970 |
| 25. | <i>Vancarlos</i> | 128 | 0 | Nordeste | 1980 |
| 26. | <i>Vaniclei</i> | 518 | 08 | Centro-oeste | 1980 |
| 27. | <i>Vancleison</i> | 32 | | * | * |
| 28. | <i>Vancleiton</i> | 57 | | * | 1990 |
| 29. | <i>Vanerson</i> | 137 | 02 | Sudeste | 1990 |
| 30. | <i>Vanice</i> | 28 | 5.187 | Sul | 1970 |
| 31. | <i>Vaniclei</i> | 46 | 38 | Nordeste | 1980 |
| 32. | <i>Vanilda</i> | 87 | 30.489 | Sudeste | 1970 |
| 33. | <i>Vanilma</i> | 04 | 475 | Nordeste | 1980 |
| 34. | <i>Vanilson</i> | 9.306 | 50 | Nordeste | 1980 |
| 35. | <i>Vanimar</i> | 23 | 38 | * | 1970 |
| 36. | <i>Vanir</i> | 1891 | 3844 | Sul | 1960 |
| 37. | <i>Vanira</i> | 04 | 1927 | Sul | 1960 |
| 38. | <i>Vanise</i> | 03 | 1984 | Sul | 1970 |
| 39. | <i>Vanislei</i> | 21 | | * | * |

*vide nota 3 do site: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>

APÊNDICE C - Ocorrências por Porcentagem.

| Prenomes Masculinos | Prenomes Femininos |
|----------------------------|---------------------------|
| 77% | 23% |
| Regiões | |
| Região | % |
| Nordeste | 50% |
| Norte | 26% |
| Sul | 12% |
| Sudeste | 6% |
| Centro-Oeste | 6% |
| Anos de Ocorrência | |
| Ano | % |
| 1980 | 67% |
| 1970 | 19% |
| 1990 | 8% |
| 1960 | 5% |